

A serenidade das manhãs primaveris sempre havia trazido a António um sentimento de melancolia profunda. A rotina imposta pelo trabalho baço de contabilista estendia-se aos fins de semana de António, como uma dolorosa lembrança da monotonia da vida do viúvo de quarenta, quase a tocar nos cinquenta anos. Era o caso deste sábado fastidioso de 1960, e António, após vestir o seu fato castanho, marcado pelo tempo e pelo descuido de viúvo que vivia sem mulher, procurou o seu chapéu de uma cor que não correspondia exatamente à do fato, mas que era parecida o suficiente para ser aceitável.

Descer as escadas do 4ºE até ao rés do chão era uma viagem que se tornava mais longa à medida que os anos se arrastavam. Os joelhos já não eram o que haviam sido. Embora raras fossem as visitas do carteiro, o homem, personificação da sua enfadonha rotina, verificava sempre a caixa do correio. E qual não foi o seu espanto ao, de facto, encontrar um envelope solitário lá pousado. Rapidamente, e com um pouco de entusiasmo a mais, António retirou a carta e apressou-se a ver quem era o remetente. A sua expressão tomou contornos de confusão ao ver o nome «Armando Costa» escrito com uma letra cuidada. António, por mais que puxasse pela cabeça, não se conseguia lembrar de ninguém com nome semelhante. Raciocinando rápido, percebeu que se tratava, provavelmente, de um engano por parte dos correios. A sua tese foi comprovada ao virar o envelope a evidenciar que o destinatário era uma tal «Maria Rita Costa», que provavelmente em nada se assemelharia ao António Albuquerque, que detinha, no momento, a carta nas suas mãos. O equívoco foi igualmente deslindado, assim que o homem notou a parecença da morada de Maria Rita com a sua. « Rua do Astrolábio, Nº 40, 4ºE » - murmurou o homem, quase sob a forma de suspiro. António vivia na Rua Maria Sacramento, Nº40, 4ºE, mas, conhecendo bem a zona na qual vivia, sabia que a Rua do Astrolábio era praticamente paralela à sua. Num impulso momentâneo, o homem, agora com a carta em punho, saiu do seu prédio já sem intenções de ir ao café.

Ao colocar os pés no exterior, sentiu o odor forte do entrelaçar de cheiros florais, cerimónia típica primaveril. Quase instintivamente, António inspirou fundo, fechando, por momentos, os olhos, cego pela imposição de um sol indiscreto, que se destacava num céu sem nuvens. Ajeitou o casaco e pôs-se a caminho.

Uma nervosidade infantil, atípica de um homem da sua idade, assolou-o, ao deparar-se com a campainha do 4ºE. Enquanto António batalhava com o vai-não-vai, as mãos do destino já trabalhavam, e ouviu-se uma voz por detrás de si:

- Precisa de alguma coisa?

António virou-se imediatamente, apanhado de surpresa, e deparou-se com uma mulher porventura da mesma idade que a sua. Era uma mulher incrivelmente banal, com um nariz ligeiramente torto. Banalmente bela. A semelhança era tanta que António sentiu o seu coração estremecer no peito. Os olhos encovados da mulher fitavam-no de maneira suspeita, e o seu nariz torcia-se perante o homem banalmente interessante que estava à sua porta.

- Estou à procura da Maria Rita...Costa." - começou António, olhando de relance para o envelope, procurando certificar-se de que dizia o apelido certo.

- É a própria. O que precisa? - interrogou, diretiva, a mulher.

António atrapalhou-se ainda mais e, tropeçando nas palavras, conseguiu explicar o inconveniente

« dos quarenta » e de como a carta havia sido entregue na morada errada. A expressão taciturna da mulher transformou-se num sorriso complacente, ao ver o transtorno do homem. Ter quarenta anos e não ser casada afirmava a sua natureza solitária.

Escusado será dizer que as limpezas da pacata casa no N^o40 da Rua do Astrolábio foram adiadas, em função de um café com António. A naturalidade deste primeiro encontro estendeu-se ao segundo, ao terceiro, ao sétimo. Tudo andava em passo rápido, como se se tratasse de um amor jovial, sem o peso da maturidade. Nem António nem Maria Rita eram pessoas extraordinárias e atribuir-lhes mais do que a banalidade permite seria exagerar. Mas juntos formavam uma imagem tímida do aprazível romance que os compelia a algo mais. Infelizmente, e sem que estes dois moradores dos números 40 o pudessem adivinhar, o destino não lhes permitiria um desfecho diferente. A atração arredia de quem se esquivou ao amor a vida toda, aliada ao desejo fantasmagórico, a roçar o desesperado, de um homem precocemente enviuvado, não teria outro resultado senão este. Como é perverso, o amor!

As árvores vulneráveis, despidas das suas folhas e postas a dançar pelo vento, batiam violentamente nas janelas de Maria Rita, como se quisessem, a todo o custo, ver o que se passava lá dentro. O cenário da cozinha limpa, dos pratos servidos com comida fumegante, banhado por uma luz sombria de um soturno fim de tarde invernal, davam ao lugar uma ambiência deprimente. A mulher, arranjada de forma modesta, descansava a cabeça sobre a mão, carrancuda, perdida em reflexão profunda. A campainha tocou algum tempo depois, despertando Maria Rita do seu sonho consciente. Precipitadamente, lançou-se para a porta e escancarou-a, sem preocupação alguma com o bom senso. E lá estava ele. Com o chapéu que não combinava com o fato e um sorriso misterioso nos lábios, António apressou-se a entrar, ignorando a raiva crescente em Maria Rita.

- Onde estiveste? Não só estive preocupada, como o cozido de certeza que arrefeceu! - lamentou Maria Rita, colocando uma mão na anca e franzindo o sobrolho, o que lhe acentuava as crescentes rugas na face.

António manteve-se impassível enquanto retirava o casaco e pousava as suas coisas. Deixou a senhora expelir tudo o que lhe vinha do peito e, quando esta se cansou de falar sozinha, retirou do bolso uma pequena caixa de veludo azul-escuro. Ambos compreendiam que o casamento, mais que um desejo, era uma necessidade. As pessoas à volta de ambos, especialmente em torno de Maria Rita, não se poupavam à mesquinhez, uma vez que ser desavergonhada quando se é mulher é pecado ainda maior. Falava-se muito da “pouca-vergonha” que era uma relação como a dela e a de António. A resposta não poderia ter sido outra a não ser “sim” e, logo que o anel estava no seu dedo, a mulher lançou-se nos braços do noivo, beijando-o apaixonadamente. As árvores, espiando, abanavam agora mais intensamente, e o vento sibilava canções amarguradas, um fado fúnebre.

O casamento, feito à medida de quem se casava, foi uma pequena cerimónia na igreja da pequena terra alentejana de onde Maria Rita era oriunda. Compareceram em peso os seus familiares, incluindo o tio Armando Costa, que se regozijava com o facto de se dever a si este casamento. Todos deixavam o velho homem hiperbolizar e forçavam as gargalhadas, mais por pena do que por cortesia. A família de António não compareceu, à exceção do seu irmão mais novo, que não dirigiu a palavra a ninguém e ficou apenas para a cerimónia religiosa, com um semblante encardido. Fitou Maria Rita durante o tempo todo, com o seu vestido branco, recatado, e escolhido por António. O que lhe passava na cabeça ninguém sabia, mas a sua presença taciturna foi, de facto, incomodativa para todos, e quando este se foi embora sem dizer uma palavra, antes da festa propriamente dita, ninguém ficou particularmente perturbado.

E, desta forma, os moradores dos 40 fundiram-se e a Rua Maria Sacramento ganhou mais uma residente. Maria Rita despediu-se do seu trabalho de datilógrafa e ficou confinada ao trabalho doméstico, que ela sempre havia detestado. Mas António insistira que a sua mulher não trabalharia. E, quando António insistia, Maria Rita cedia. Começou por ser o cabelo. Era demasiado comprido e demasiado claro. Na tarde seguinte, Maria Rita fitou-se a si mesma no espelho enquanto lhe cortavam o cabelo pelos ombros e o pintavam de um preto sombrio que, na sua opinião, lhe realçava as olheiras e lhe ficava terrivelmente mal. António adorou.

Naquela manhã de Primavera, em particular, o céu estava sepulcral e as nuvens pareciam ali jazer, sem ter onde cair. Os pássaros guinchavam melodias ensurdecedoras, que acordaram Maria Rita de um sono profundo, mas sem sonhos. Com o olhar vago de quem foi arrancado à força do seu descanso, a mulher rapidamente se apercebeu de que António não dormia a seu lado, mas observava-a da ombreira da porta, ainda de pijama, e, ao ver a sua esposa acordada, um sorriso dócil e sinistro aflorou-se-lhe nos lábios.

- Bom dia, Ritinha!

Aproximando-se da cama, António estendeu os braços e revelou que trazia neles um vestido esverdeado, desbotado e de uma simples elegância, que se dava à modéstia de quem o

vestisse. Maria Rita endireitou-se e, soltando um suspiro de admiração, agarrou no vestido. Não era muito o seu estilo, mas se António gostava, ela também gostaria. Não era a primeira vez que António a presenteava com roupa. Também já havia recebido umas belas joias de ouro, que o seu marido insistia que fossem usadas todos os dias. De onde as roupas vinham, Maria Rita não sabia, mas é certo que os vestidos desbotados começaram a integrar o seu quotidiano, assentando-lhe mal nas ancas e estando largos nos ombros.

Uma vez que já não trabalhava, Maria Rita encontrava-se prisioneira entre as paredes do apartamento que limpava todos os dias. Limpava, esfregava, varria. Ela era mais da casa do que a casa dela. Nos primeiros tempos, ainda ia lendo um livro ou outro, mas António queixava-se de que ler só lhe trazia pensamentos indesejados e uma fertilidade indecorosa do pensamento. Maria Rita sempre tinha sido uma ávida leitora. Todavia, tentava focar-se na lida do lar.

Era um início de tarde e a mulher arrumava as roupas espalhadas pelo quarto, cortesia de António, quando atentou numa caixa de madeira, escondida dos olhos que casualmente ali pousassem. Movida pela curiosidade, Maria Rita puxou a caixa de madeira, marcada pelo pó, consequência de estar escondida debaixo do armário. Encontrava-se cheia de fotografias, papéis e alguma roupa enrodilhada e sentou-se com ela em cima da cama. A primeira foto em que pegou retratava um casal sorridente e apaixonado no seu matrimónio. À esquerda, estava António, mais novo e com mais cabelo, junto de uma mulher banalmente bela, com um vestido de casamento branco e recatado. Com as mãos a estremecer, Maria Rita viu as outras fotografias, de António e da sua falecida mulher, Luísa. Levantando os olhos, Maria Rita fitou o reflexo no espelho, alternando entre ele e as várias fotografias espalhadas pela cama. Desdobrou um vestido modesto e pálido

, que na caixa estava abandonado. Dobrou-o novamente. Por fim, agarrou um artigo de jornal recortado no qual letras pretas bailantes formavam um título chamativo da curiosidade de quem bebia a miséria dos outros a grandes goles: «Mulher morre atropelada por carrinha, na Avenida Duque de Bragança».

Serenamente, Maria Rita, moradora do número 40, guardou tudo no sítio e dirigiu-se para a casa de banho, onde vomitou o almoço e, de seguida, se dedicou a esfregar o chão até brilhar.

Tiago Villaça – 12º ano